

Entre as páginas e as telas: reflexões sobre as adaptações fílmicas como (des)motivadoras de leitura literária

Ana Lúcia Freitas de Carvalho

Acadêmica de Letras das Faculdades Integradas de Taquara - Facat. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. carvalhoanna@gmail.com

Dieila dos Santos Nunes

Acadêmica das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. dieiladossantos@gmail.com

Luciane Maria Wagner Raupp

Doutora em Letras – Teoria da Literatura. Professora das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat. Coordenadora da área de Letras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. lucianeraupp@gmail.com

Resumo

Os participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, em seus planejamentos e práticas docentes, privilegiam, entre outras ações, aquelas que contemplam o letramento literário. Nesse sentido, surgiu o questionamento acerca das adaptações de obras literárias para o cinema e para a televisão, perguntando-se se elas motivam ou desmotivam os alunos para a leitura das obras-fonte. A partir dessa indagação, elaborou-se uma pesquisa de campo estruturada, composta por cinco questões abertas e fechadas, aplicadas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Taquara. Essa pesquisa teve como finalidade investigar se os alunos leem obras literárias após assistirem às suas adaptações fílmicas, averiguar os motivos que os levam a optar pela obra-fonte e observar as suas preferências de leitura. Chegou-se à conclusão que a turma pesquisada não possui hábitos de leitura, independentemente do suporte. Por isso, não foi surpresa o fato de alegarem que, se uma obra é adaptada, não buscam sua leitura, baseados no argumento de que saber o final os desmotivaria. Por outro lado, os alunos

reconhecem os *best-sellers* como obras de interesse, residindo aí um trunfo para que os educadores possam usar de porta de entrada para leituras literárias de maior teor artístico e humanístico.

Palavras-chave: Adaptações de obras literárias. Literatura juvenil. Hábitos de leitura.

1 Considerações iniciais

Como participantes das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) realizadas pelo curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara (Faccat), desenvolvemos trabalhos voltados ao letramento literário com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e com o Ensino Médio. Essas práticas ocorrem a partir do estudo aprofundado de questões metodológicas concernentes à língua e à literatura, do planejamento supervisionado de atividades que contemplam a exploração de questões da língua, da literatura juvenil e da produção textual nos anos finais do ensino fundamental e da prática igualmente supervisionada em duas escolas públicas estaduais do município de Taquara. Além disso, esse trabalho é compreendido nas suas dimensões interativas com outras linguagens, com outros suportes midiáticos e com outras áreas do conhecimento, tendo em vista o objetivo de formar professores que atuam em uma sociedade de incertezas, na qual é necessário aprender a aprender e formar “[...] uma consciência capaz de enfrentar complexidades” (MORIN, 2006, p. 77).

Nesse sentido, frente aos hábitos de leitura (ou a sua falta) dos alunos de turmas de Ensino Médio, surgiu o questionamento acerca do papel das adaptações de obras literárias para o cinema e para a televisão. Seriam elas motivadoras ou desmotivadoras da leitura das obras-fonte? Um aluno que sabe que uma obra foi ou será adaptada lerá a obra? Ao assistir a um filme cujo enredo foi baseado em uma obra-fonte, o adolescente poderá sentir-se motivado para a leitura? A partir dessa indagação, elaborou-se uma pesquisa de campo estruturada, composta por cinco questões abertas e fechadas, aplicadas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Taquara. Essa pesquisa teve como finalidade investigar se os alunos leem obras literárias após assistirem às suas adaptações fílmicas, averiguar os motivos que os levam a optar pela obra-fonte e observar as suas preferências de leitura.

2 Hábitos de leitura e as adaptações literárias

Sabe-se que o incentivo aos hábitos de leitura deve ser tarefa desempenhada pela escola e pela família desde cedo. Em acréscimo, também se admite o fato de que a leitura literária é desempenhada, sobretudo, nos espaços escolares, conforme apontam os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. A pesquisa, publicada em 2008, mostra que, dos leitores de livros no Brasil, “47,4 milhões (50%) são estudantes que leem livros indicados pelas escolas (inclusive os didáticos)” (AMORIM, 2008, p. 167). Reforçando essa estatística da leitura escolar, temos, na mesma pesquisa, as informações de que, entre as leituras que os entrevistados estavam realizando naquele momento, 34% liam livros recomendados pela escola (Idem, p. 175) e a de que a parcela maior de leitores, classificando-se por idade, encontra-se na faixa de 5 anos a 10 anos (Idem, p. 167), com 16% do total dos leitores. Assim, grosso modo, podemos vincular ainda mais estreitamente a leitura ao convívio no ambiente escolar.

Por outro lado, fora do ambiente escolar, as obras literárias encontram cada vez mais concorrentes não só para ocupar o tempo disponível das crianças e adolescentes, foco deste trabalho, mas também para assumir a satisfação da necessidade atávica do ser humano de ouvir e contar histórias. Entre esses concorrentes, além de todos os crescentes recursos da Internet, estão a televisão e o cinema. Este último, tradicionalmente, busca na literatura enredos de sucesso junto ao público que poderão repetir o feito nas salas de exibição, garantindo os lucros da indústria cinematográfica. No entanto, ao contrário do que se possa imaginar, a invenção dos Irmãos Lumière não foi a pioneira em adaptar enredos de um suporte para outro. Segundo Linda Hutcheon, considerando o lugar de valor da adaptação no contexto cultural contemporâneo, a adaptação vem de longa data, exemplificando que

Os vitorianos tinham o hábito de adaptar quase tudo — e para quase todas as direções possíveis; as histórias de poemas, romances, peças de teatro, óperas, quadros, músicas, danças e *tableaux vivants* eram constantemente adaptados de uma mídia para outra, depois readaptadas novamente. Nós, pós-modernos, herdamos esse mesmo hábito, mas temos ainda outros novos materiais à nossa disposição — não apenas o cinema, a televisão, parques temáticos, as representações históricas e os experimentos de realidade virtual (HUTCHEON, 2011, p. 11).

À semelhança do que nos mostram Vilches (1984) e Stam (2006), Hutcheon discorre sobre os modos de realização das adaptações, que não se resumem a mera repetição dos

conteúdos e do enredo de uma obra-fonte, podendo criar interpretações marcadamente distintas, ao mudar os suportes midiáticos, os contextos, os focos narrativos. Nesse processo de (re)criação dos enredos e dos demais elementos das obras literárias, quando adaptadas a outros suportes, não há como falar em fidelidade absoluta às fontes, uma vez que se trata de linguagens e de semioses distintas.

Robert Stam (2008) afirma que está disseminada, no senso comum, a ideia de que o cinema tem prestado um desserviço à literatura, no sentido de que, por meio das adaptações, vulgariza, deturpa, deforma e trai as obras a que se referem. Tais ações se dariam porque, seguindo a lógica do capitalismo e da sociedade de consumo, o cinema serve-se das obras literárias de referência, restando pouco dos textos originais, uma vez que muitas modificações são feitas em prol de elementos que melhor se adequem aos objetivos de sucesso e, por consequência, de lucro das produções.

Devido a essas modificações em prol da palatabilidade dos enredos e da rentabilidade das produções, é comum ouvirmos o comentário, decepcionado, de quem, após ler alguma obra, assistiu à sua adaptação cinematográfica ou televisiva de que “o livro era melhor” (STAM, 2008, p. 20). Ou seja, as adaptações acabam contrariando os horizontes de expectativas daqueles que já leram a obra literária e partem para a nova experiência estética de posse de construções de significações prévias e muito particulares — particularização essa acentuada pelo fato de a leitura literária ser uma atividade solitária, sem a mediação de imagens visuais que não sejam as das ilustrações, que exige abstrações por parte do leitor. Entretanto, esses comentários advindos acerca da decepção pela falta de fidelidade em relação aos originais literários não são totalmente destituídos de razão. Stam aponta, pelo menos, três razões para a decepção com as adaptações:

- a) algumas adaptações *de fato* não conseguem captar o que mais admiramos nos romances-fonte; b) algumas adaptações *são* realmente melhores do que outras; c) algumas adaptações perdem pelo menos algumas das características manifestas em suas fontes (Idem, p. 20, grifos do autor).

Em razão dessas adaptações – umas melhores, outras piores, segundo Stam (2008) —, a literatura, ainda detentora de alto *status* cultural, poderia, em certa medida, assumir novas formas de acessibilidade, especialmente no que se refere às obras consideradas clássicas. Em relação às formas assumidas pela literatura e ao seu *status* na contemporaneidade, é necessário que se

considere o fato de que, segundo Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2010a), na nossa cultura, há uma interpenetração de textos, ou seja, há um diálogo constante não apenas entre textos literários, mas entre as mídias que podem dar suporte aos mais variados gêneros textuais, os quais, devido às inovações nas possibilidades técnicas dos suportes, acabam também se alterando, multiplicando-se, reinventando-se. No entanto, nesse deslizamento para outros suportes, as obras literárias, segundo a autora, acabam por ficar em segundo plano, suplantadas, em visibilidade e em *status* junto ao público, pelos produtos audiovisuais. Assim, “A visibilidade da obra literária vai se tornando tributária do fato de ter sido tomada como texto-base para um filme” (FIGUEIREDO, 2010a, p. 272). Justamente por ser vista como base, a literatura acaba ocupando o “[...] lugar do argumento, do texto realizado para dar origem a um filme e que será lido a partir da mediação do espetáculo filmico” (Ibidem). Esse seria um lugar menor se comparado ao das versões audiovisuais, que, de acordo com Figueiredo (2010a), ganham, aos olhos do público, “*status* de obra final” (Ibidem). Assim:

Assinalam-se as alterações na hierarquia cultural provocadas pela intensificação desse movimento de intercâmbio, tanto no que diz respeito à literatura, cujo prestígio sempre esteve estreitamente relacionado à aura do suporte livro, quanto no que se refere ao cinema, em decorrência da expansão de narrativas audiovisuais transmidiáticas criadas para se desdobrarem em múltiplos produtos, veiculados em mídias diversas (FIGUEIREDO, 2010b, p.26).

No contexto desses múltiplos produtos de que fala a autora no excerto anterior, se observados os fenômenos das séries destinadas ao público juvenil, o livro é mais um dos itens de consumo, ao lado dos filmes, de peças de vestuário, revistas, materiais escolares, entre outros. Essa forma de objectualização da obra literária, enredada na cultura de consumo em que se inserem os *best-sellers* juvenis, leva a questionar: tais obras são efetivamente lidas ou a simples posse do objeto livro é que está em jogo? E mais: com a adaptação cinematográfica de tais obras, o público juvenil é incentivado ou desmotivado a essas leituras? Pode o cinema ser um incentivador do hábito de leitura? Por que os alunos leriam uma obra cujo enredo lhes já é conhecido?

Acerca das possíveis motivações para a leitura literária, independentemente de a obra ter sido adaptada ou não a outros meios, Escarpit (1974, p. 37) afirma que a obra literária, de modo geral, tende a captar leitores “[...] mediante motivaciones no literárias: habitos, esnobismo, consumo ostentoso, culpabilización cultural [...]”. Essas motivações não literárias de que fala o autor derivaria dos mesmos antigos motivos descritos por Darnton que faziam com que, no século

XVIII, certo público adquirisse a Enciclopédia *in quarto*, uma vez que a ter na estante “[...] proclamaria a posição de seu proprietário como homem culto e filósofo” (DARNTON, 1996, p. 404). Seguindo esse raciocínio, embora o fato de estarem portando livros não faz com que os adolescentes *pareçam ser* filósofos, coloca-os no rol dos portadores de leituras contemporâneas — portanto, em um raciocínio baseado nas aparências, presumivelmente cultos e conectados às “novidades” da cultura de consumo.

3 A adaptação cinematográfica como (des)motivadora da leitura literária: resultados de um breve inquérito

Estudiosos como Cosson (2007), Bunzen e Mendonça (2006), entre outros, mostram que as aulas de literatura não devem ser aulas de história da literatura. Antes disso, devem se ocupar do texto literário em si, das suas especificidades, da sua linguagem e – sobretudo – de sua dimensão humanizadora. Para que os objetivos sejam alcançados, devemos empreender esforços no sentido de estimular o aluno ao ato de ler, fazendo com que ele tenha um contato efetivo com o texto.

O desafio do professor de literatura é formar o aluno para o gosto literário, fazendo com que ele sinta vontade de ler por si próprio, tornando-se um leitor ativo, e, conseqüentemente, sentindo prazer pela leitura literária. Cosson (2007, p.10) diz que:

Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina de Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio.

Essa postura dos alunos, citada por Cosson, ressalta a importância que o professor tem ao selecionar e indicar obras literárias aos discentes, conforme as suas preferências. Comprova-se isso, a partir das respostas dadas por eles, por meio do questionário que responderam.

Gráfico 1 – Questão 1



Fonte: Das pesquisadoras (2016).

Nessa primeira questão, a maioria dos alunos respondeu que gostam de ler, dependendo do tipo de leitura. De vinte e seis entrevistados, dezesseis deles responderam que “depende da leitura”, cinco responderam que “sim” e, os outros cinco, afirmaram que “não” gostam de ler. Com isso, constata-se que grande parte dos alunos lê, porém esse gosto pela leitura é gerado conforme o tema, o título e a linguagem das obras, no qual devem cativá-los de alguma forma. Sendo assim, é essencial que os docentes estimulem o hábito de ler a partir das preferências temáticas e estilísticas dos discentes.

Gráfico 2 – Questão 2



Fonte: Das pesquisadoras (2016).

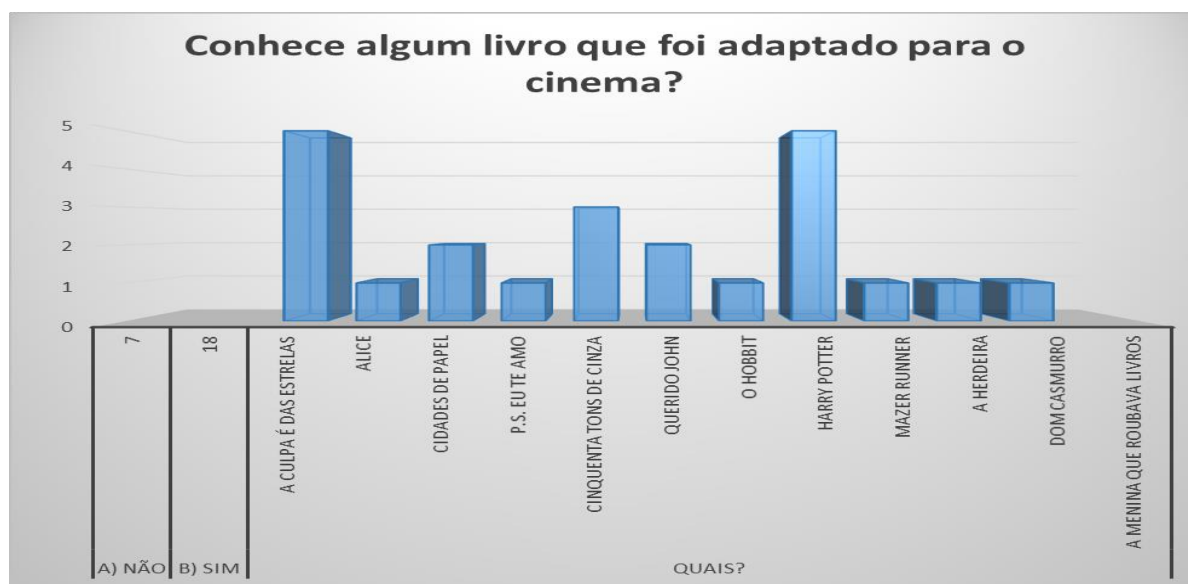
Na segunda questão, os alunos foram indagados sobre a sua frequência de leitura. Entre essas leituras, citamos livros, jornais, revistas e reportagens em sites. Em cada fonte de leitura, deveriam informar se leem (1) “diariamente”, (2) “três vezes por semana”, (3) “uma vez por semana”, (4) “raramente” e (5) “nunca”.

Ao analisar o gráfico acima, a partir das repostas dos alunos, observamos que o item “raramente” se sobressaiu nas três primeiras fontes de leitura, somente em “reportagens de sites” o item “diariamente” teve uma diferença de dois alunos a mais que o outro item.

Sendo assim, percebemos que os discentes têm mais interesse pela leitura digital, que são apresentadas, muitas das vezes, nas redes sociais. Elas agem como motivadoras à pesquisa e à leitura de reportagens em outros sites, pois é atraente visualmente e de fácil acesso.

A partir do interesse dos alunos pelas novas mídias digitais, observamos o gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Questão 3

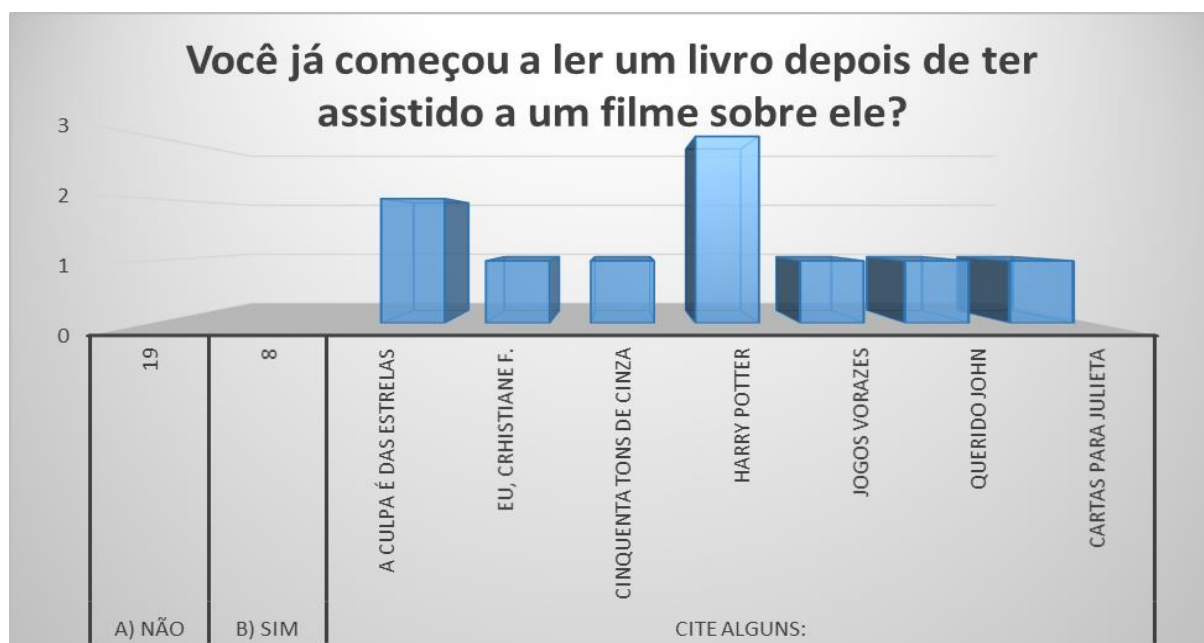


Fonte: Das pesquisadoras (2016).

A adaptação fílmica a partir de uma obra literária é um dos fenômenos mais comuns atualmente. As adaptações também estão presentes em séries televisivas e, fortemente, nos teatros, no qual utilizam do status de cultura e dos contextos das páginas para transferi-las às telas e palcos. É normal os escritores contemporâneos de sucesso terem suas obras adaptadas – enquadrados aqui até os *best sellers*, os preferidos dos adolescentes e jovens.

No gráfico 3, podemos verificar esse interesse pelos *best sellers*, pois, dentre os vinte e seis alunos participantes da pesquisa, dezoito responderam que conhecem um livro adaptado para o cinema, citando as obras “A culpa é das estrelas”, “Cinquenta tons de cinza”, “Harry Potter”, entre outras do mesmo perfil. Somente sete deles responderam que não têm conhecimento de livros com adaptações fílmicas.

Gráfico 4 – Questão 4



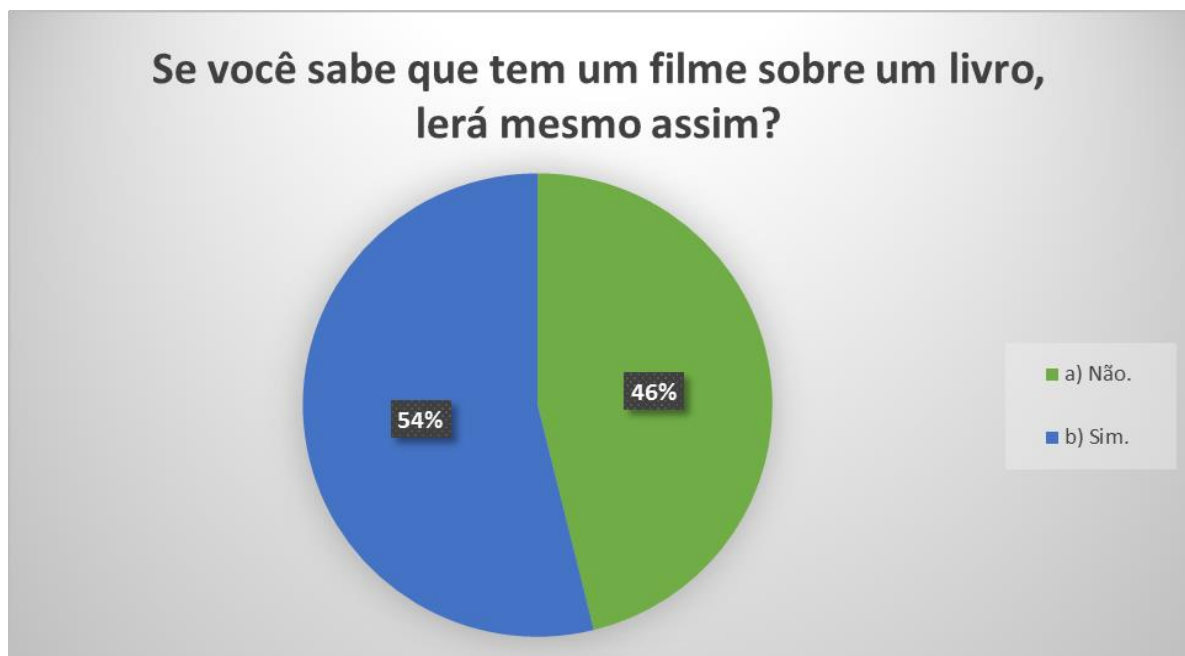
Fonte: Das pesquisadoras (2016).

Comprovou-se a desmotivação dos alunos ao ler um livro após assistir ao filme, apesar do enredo do filme não ser fiel à obra-fonte. Alegam que, depois de assistir, passam a ter conhecimento do final da história e, conseqüentemente, perdem todo o interesse em ler a obra original.

Os oito participantes que já leram uma obra depois de assistir ao filme citaram os mesmos motivos da questão 3. Ou seja, os *best sellers* são os mais procurados pelos adolescentes.

Verificamos que existem dois fatores importantes para os discentes terem respondido que não leriam um livro depois do filme: (1) a falta de motivação pela leitura literária; (2) A resistência em adquirir livros, devido a questões de cultura e às condições financeiras.

Gráfico 5 – Questão 5



Fonte: Das pesquisadoras (2016).

Conforme o gráfico acima, 54% dos alunos responderam que leriam um livro mesmo sabendo da existência de uma adaptação fílmica, e 46% afirmaram que não. Porém, observa-se que há uma contradição em relação à questão anterior, na qual os participantes afirmam não ter lido uma obra depois de ter assistido a um filme, entretanto, na questão 5 afirmam que leriam um livro mesmo sabendo da existência de um filme. Essa contradição mostra que existe uma possibilidade de essa leitura vir a acontecer — o que, no entanto, não se refletiu na prática.

4 Considerações finais

Observa-se, portanto, a partir dos dados da pesquisa, que, de modo geral, para o grupo de alunos pesquisados, estudantes do segundo ano do Ensino Médio, a leitura não é algo frequente em quaisquer suportes. Essa conclusão é comprovada pelo alto número de escolha das opções “raramente” e “nunca” na questão 2, que perguntava sobre sua frequência de leitura em diversos suportes.

Frente a essa falta de hábito de leitura, o fato de uma adaptação cinematográfica ser adaptada para o cinema fazer com que os entrevistados não leiam a obra-fonte soa como natural, uma vez que dificilmente leriam de qualquer forma. O argumento de que não leriam porque saber

o final estragaria a “graça” da leitura é pífio, uma vez que também se assistem a filmes, a telenovelas, a documentários e se ouvem histórias eternamente recontadas mesmo sabendo onde o enredo desembocará. Há, por outro lado, a valorização da cultura dos *best sellers*, que evidenciam e reforçam as já citadas palavras de Escarpit (1974) e Darnton (1996): se, por um lado, os estudantes não leem, por outro, sabem da importância da leitura no cenário cultural e social. O fato de, muitas vezes, simulá-la, não responde apenas a uma pressão escolar, mas de *status social*. Cabe, portanto, aos docentes canalizar essas formas de pressão para que a leitura se efetive – nem que seja pela porta de entrada dos *best sellers*, para depois lhes refinar os gostos e as habilidades para tanto, buscando obras de maior teor artístico e humanístico.

Referências:

AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da Leitura no Brasil II*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-livro, 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

DARNTON, Robert. *O iluminismo como negócio*. História da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ESCARPIT, Robert. *Hacia una sociologia del hecho literario*. Madrid: EDICUSA, 1974.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Literatura e comunicação audiovisual: uma história de intersecções e deslocamentos. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura: teorias e perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a. p. 267-279.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Narrativas em trânsito. *Revista Contracampo*. n° 21. Niterói: 2010b. p. 26 -39. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/38/39>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2011.

STAM, Robert. *A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

VILCHES, Lorenzo. *Play it again, Sam*. Barcelona, Rev. Análisi, n° 9, 1984. p. 57-70.